

## **Cora**

Na Casa Velha da Ponte,  
Que à margem do Rio Vermelho  
E defronte  
À Cruz do Anhanguera,  
Se crava,  
Desce em bica de madeira  
Água da Serra Dourada.

Ali,  
Junto aos becos de Goiaz,  
E em *outros mundos* mais,  
Morava Aninha  
A “inzoneira”,  
Herdeira enfermiça do fausto  
Que o infausto por fim desfez.

Por ela (e pra ela),  
Ninguém  
Daria pataca, vintém;  
Quiçá licença daria  
A rapaz de boa cepa

Que um dia (ousadia) caísse  
No enredo daquela tonta  
Entomóloga travessa.

Pois nessa casa, contavam,  
Como coisa verdadeira,  
Baú jazia enterrado  
De infeliz antepassado...

“Por que não desencavá-lo?”,  
perguntava ao formigueiro,  
que, mudo, preso a seu fado,  
O *boi-grilo* carregava  
Em ordeiro ritual.

Passaria a infância,  
Como se galopasse um corcel,  
Mais longínqua a abastança  
De fazenda-cativeiro-filão.

Exaurido o ouro, a esmeralda,

Os brocados e lavrados,  
Perdidos na enchente brava...  
Roídos corpetes, vestidos,  
Escravos jogados à escória...  
Restaria o tilintar da palavra:

O novo ciclo de riqueza,  
Mercê de trabalho e memória,  
Era o *tesouro* de que ninguém  
suspeitava.

(Nelson Luiz de Oliveira)